

Tudo se ilumina
para aquêlê que
busca a luz.

BEN-ROSH



... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O



DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haim
Rua Guerra Junqueiro, 340 — Pôrto

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80
PÔRTO

O 10 de Novembro da Germania Nazi

Na véspera do dia 10 de Novembro de 1939, pelas 21 horas se celebrou na nossa monumental Sinagoga Kadoorie do Pôrto, Catedral Judaica do Norte de Portugal, uma cerimónia religiosa em sufrágio das vítimas do massacre de israelitas na Germania Nazi, realizado, há um ano, sob o pretexto de que um jovem tresloucado judeu polaco tinha morto em Paris um funcionário da embaixada alemã, a quem atribuía a desventura da sua família.

Nessa acção tumultuosa foram queimadas sinagogas e livros sagrados, bem como outros objectos de piedade e de saudável memória. Em comemoração dêste dia funesto a Comunidade Israelita do Pôrto (Kahal Kadosh Mekor Haïm) a-fim-de dar um confôrto moral a imigrados judeus alemães realizou êste acto de culto tendente a levantar os corações e a confortar as almas dos que violentamente foram obrigados a abandonar a terra em que nasceram.

Perante uma numerosa assistência, não só de judeus estrangeiros como de portugueses, começou a cerimónia litúrgica, sendo oficiante, por especial obséquio, o nosso amigo Menasseh Ben-Dob, sendo acolitado pelos morim Samuel Rodrigues e David Moreno.

No final da oração de Alem, subiu ao púlpito, como DARSAN (orador) o rev. David Moreno, que pronunciou o seguinte Darush (sermão):

MINHAS SENHORAS E MEUS SENHORES:

Foi na véspera do passado *Tisheah-Beab* que nós ouvimos neste lugar explicar o

que das nossas tradições mais directamente se liga aquêlê dia à destruição do templo, as casas em ruínas, etc. Durante êsse discurso lembrei-me que nós, na época actual fomos testemunhas dum novo *Tisheah-Beab*.

Foi no dia 10 de Novembro do ano passado que nós, à noite ouvimos, pelo rádio, falar dos "progromos" na Alemanha. Poucas horas depois líamos nos jornais as respectivas e tristes confirmações.

Nós, em Portugal, estávamos então em segurança; sòmente ouvíamos e líamos; mas hoje há muitos entre nós que nessa altura viveram para ver, sofrer e sentir os acontecimentos pessoalmente.

São êles que têm visto as Sinagogas queimadas; são êles que têm visto estúpida-mente destruídos os seus bens. Qual o seu crime? Foram maus cidadãos? Não. O seu único e grande crime é serem judeus, é existirem. Impotentes e silenciosos tiveram de sofrer, pois que uma palavra de opposição, um gesto apenas, podia ter novas conseqüências, novas opressões, podia até custar a saúde ou a vida.

Muitos dêles, que actualmente se encontram entre nós, foram conduzidos nessa altura à cadeia, tal-qual como há 1900 anos os nossos antepassados o foram à escuridão.

Os telegramas que, há um ano, chegaram aos filhos residentes aqui, os pedidos urgentes para a reclamação dos pais e dos irmãos e para os libertarem das cadeias e dos campos de concentração representavam cada um uma tragédia, uma última e desesperada tentativa para salvar uma vida e conservar uma família.

Êsses gritos de socorro não foram em vão. O nosso Governo não ficou surdo aos pedidos do Comité de Lisboa, que, na sua qualidade de administrador central da emigração judaica, tratou também os assuntos relativos ao Pôrto.

A-pesar-de estar interdita a imigração, todos os pedidos foram deferidos nessa altura, dentro dum prazo curto, podendo dar a liberdade aos parentes, dar-lhes a possibilidade duma vida nova, uma vida nova subordinada, como não podia deixar de ser, às leis do país.

Há, contudo, restrições na prática de algumas profissões; há também a dificuldade de falar e compreender a língua portuguesa. Mas que é tudo isso comparado com o facto de ter segura a vida e os bens?!!!

Creio que nenhum dos imigrados sofreu a fome e a nenhum faltou um teto para se abrigar, um leito para recobrar as fôrças. Não devemos pois deixar de dar graças: 1.º a Deus, 2.º ao Governo Português.

Aqueles que sentem como judeus e que deploram como golpe grave a destruição e perda dos seus templos, gozam a hospitalidade dêste edificio em cuja arca Santa se encontra até um *Sefer Torah* (Livro da Lei) que o Dr. Klee—que propositadamente veio da Alemanha assistir à sua inauguração—se dignou trazer e oferecer-nos.

Eu sei:—Não encontram aqui o mesmo officio religioso, a que estão habituados desde a infância; difere exteriormente do rito da Europa do Norte, o que aqui se pratica. Mas comparemos também os costumes e os dialectos da gente do Minho e do Algarve. São diferentes; e no entanto todos somos portugueses. O dialecto e os costumes em Hamburgo e na Baviera são também diferentes e contudo todos são alemães. Isto já vem através os séculos e nós não podemos mudar em 2.000 anos os costumes e a pronúncia da língua.

Entre o rito Sefardi e Askenazi só há diferenças exteriores. Peço portanto um pouco de boa vontade para compreender os nossos usos e costumes.

Nós Sefardim, ou melhor nós Maranos esforçamo-nos por oferecer aos imigrados — aos perseguidos — um lar religioso. Fazêmo-lo de alma e coração porque compreendemos a sua dor, visto que também

nós há 450 anos fomos perseguidos. Os nossos antepassados conservaram a sua religião a ocultas e com perigo de vida; e nós, os trinetos dêsses mártires podemos livremente confessar a sua e nossa fé.

Meus caros ouvintes:—Somos todos irmãos, Israel só é uma raça espiritual como diz Edmond Fleg; por isso tendes os nossos braços. Oremos todos no nosso templo. Todos descendemos de Abraham, Isaac e Jacob. A nossa *Torah* está escrita com as mesmas letras e contém as mesmas palavras que a vossa. E a nossa santíssima divisa é como a vossa: "*Shemah Israel, Adonai Elohemo, Adonai Ehad*" (Escuta Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é Uno).

Terminado o Darush, que foi ouvido com emoção pelos judeus, que compreendiam a língua portuguesa, o Sr. Paulo Platchek subiu ao outro púlpito e reproduziu em língua alemã o mesmo Darush, dando à sua leitura expressiva uma nota de elevado sentimento.

Antes do encerramento da cerimónia foi feita uma solene oração pelos mortos dêsse acontecimento, no meio do silêncio respeitoso dos assistentes, que em certos momentos o interrompiam para dizer em voz grave e solene o Amen.

Foi uma noite que marcou bem fundo na memória de todos, que tiveram a ventura de a ela assistir.



ESTATÍSTICA MACABRA

Antes de Hitler, havia na Alemanha 650.000 judeus.

Não há lá mais de 300.000.

Que foi feito dos outros?

200.000 imigraram.

30.000 estão presos.

90.000 morreram.

20.000 findaram com a vida.

80.000 foram assassinados.

Na Austria, de 300.000 judeus, não há mais que 140.000.

130.000 saíram do país.

10.000 estão encarcerados.

10.000 foram suicidados.

5.000 foram mortos.

Esta macabra estatística é fornecida pelo jornal inglês *News Chronicle*.

N E S H I K A H

(O B E I J O R I T U A L)

No período antigo da sociedade o gesto e a acção eram mais expressivos do que a linguagem humana como meios de comunicação entre os homens, porque as palavras eram então pouco numerosas e a complexa maquinaria do falar estava ainda no seu estado rudimentar, incapaz pois de traduzir ou testemunhar sentimentos. Esta dificuldade, característica em tôdas as nações nas épocas primitivas, predisponha o homem para uma geral taciturnidade com uma ocasional erupção de ardente, abrupta ou copiosa eloquência de gestos (actos que falam mais que palavras). Nesta linguagem de acção, um beijo era naturalmente a expressão e o símbolo de afeição, de estima, de respeito e de reverência. Este costume aparece-nos de longa data.

A *Btblia* dá-nos o testemunho dêste vé-lho uso.

No *Vélho Testamento*:

— Jacob beija seu pai Isaac (Génesis, cap. 27, vers. 26 e 27).

— Jacob beija sua prima Raquel (Génesis, cap. 29, vers. 11).

— Laban abraça e beija seu sobrinho Jacob (Génesis, cap. 29, vers. 13).

— Esav abraça e beija seu irmão Jacob (Génesis, cap. 33, vers. 4).

— Aarão beija seu irmão Moisés (Êxodo, cap. 4, vers. 27).

— Moisés beija seu sôgro Jetro (Êxodo, cap. 18, vers. 7).

— Noémia beija as suas noras Ruth e Orpha (Ruth, cap. 1, vers. 9).

— Orpha beija sua sogra Noémia ao despedir-se dela (Ruth, cap. 1, vers. 14).

— Samuel, o profeta, sagra Saúl Ben-Kis, rei dos israelitas e beija-o ao findar êsse acto solene (I Samuel, cap. 10, vers. 1).

— David e seu cunhado Jonatan beijam-se mutuamente (I Samuel, cap. 20, vers. 41).

— Absalam, filho do rei David, a todo o partidário que se lhe apresentava, apertava-lhe a mão e beijava-o (II Samuel, cap. 15, vers. 5).

— O chefe militar Joab beija o chefe militar Amasa (II Samuel, cap. 20, vers. 9).

No livro apócrifo de Tobias (de autor judaico):

— Raquel beija seu primo Tobias (Tobias, cap. 7, vers. 6).

— Os pais beijam a noiva de Tobias (Tobias, cap. 10, vers. 12).

No *Novo Testamento* também há testemunho dêste vé-lho uso entre judeus, pois que os primeiros nazarenos eram judeus:

— Judas saúda o seu mestre Jesus com um beijo na face (Mateus, cap. 26, vers. 48).

— Jesus censura Simão por o não beijar, quando entrou na sua casa (Lucas, cap. 7, vers. 45).

— O filho pródigo beija seu pai ao mostrar o seu arrependimento (Lucas, cap. 15, vers. 20).

— Os fiéis nazarenos beijam o apóstolo Paulo (Actos dos apóstolos, cap. 20, vers. 37).

— O apóstolo Paulo recomenda aos fiéis que mutuamente se saúdem com um beijo santo (Epístola aos romanos, cap. 16, vers. 16; I Coríntios, cap. 16, vers. 20; II Coríntios, cap. 13; I Tessalónicos, cap. 5, vers. 26).

— O apóstolo Pedro (o 1.º papa) recomenda aos seus fiéis: Saú dai-vos uns aos outros com um beijo de caridade (I Epístola de Pedro, cap. 5, vers. 14).

Na Idade-Média os Rabis reduziram os beijos solenes a três espécies: de reverência, de recepção e de demissão ou despedida (Bereshith Rabbah sôbre o Génesis XXIX, 11).

No Oriente, entre os povos semitas, é muito usado o beijo solene nas condições que os nossos Rabis indicam. Em França se pratica tal acto no momento solene de condecorações. Em Portugal, especialmente no Norte, as senhoras cristãs mais conservadoras, usam vários costumes judaicos: não vão à igreja sem cobrirem a cabeça e saúdam-se entre si com o beijo ritual. Também os homens o praticam em actos de solene emoção.

Igualmente êsse uso é praticado entre os judeus sefardim (do rito português ou espanhol) do Mediterrâneo. Na Yeshibah Rosh Pinah (Instituto Teológico do Pôrto) nos casos prescritos pelos Rabis medievais pratica-se êsse acto solene.

INSTITUTO TEOLÓGICO ISRAELITA

Investidura dum moreh

No dia 21 de Julho de 1939 (sexta-feira), pelas 21 horas, na sinagoga Kadoorie Mekor Haïm, do Pôrto, realizou-se a solene investidura do novo moreh Joseph Israel Pereira Gabriel, antigo Talmid da Yeshibah Rosh Pinah (Instituto Teológico Israelita do Pôrto), de onde havia saído para o serviço militar.

Tendo demonstrado a 14 do referido mês perante o Conselho Escolar do referido Instituto, que possuía as habilitações necessárias para o exercício do cargo de moreh (preceptor israelita), foi pelo Ex.^{mo} Reitor intimado a comparecer no referido dia 21 para a sua investidura.

A' hora marcada o candidato apresentou-se envergando o seu uniforme. Na sala havia uma boa assistência de portugueses.

Joseph Pereira Gabriel, ladeado pelos morim (preceptores) Samuel Rodrigues e David Moreno, entrou no salão de culto, pronunciando as frases tradicionais do rito marano trasmontano em uso ao começar qualquer oração solene:

Adonai, meu Senhor, nos meus pensamentos.

Adonai, meu Senhor, nas minhas palavras.

Adonai, meu Senhor, no meu coração.

A assistência, que conhecia a língua santa, cantou o Barnkh Abah:

— Bemdito seja o que vem em nome de Adonai; nós vos bemdizemos da casa de Adonai.

O candidato pára em frente da Arca Santa e perante ela se curva respeitosa-mente.

O moreh David Moreno veste-lhe a túnica negra de oficiante e o moreh Samuel Rodrigues substitue o seu Kepi militar pelo barrete tronco-cónico de veludo negro dos oficiantes.

Em seguida Joseph Gabriel sobe lentamente os degraus de mármore da Arca Santa; os dois preceptores abrem-na, dei-

xando a descoberto os livros sagrados. Joseph abraça e beija um Sepher Thorah (Livro da Lei de Moisés), findo o que coloca a mão esquerda sôbre o coração e com o braço e a mão direita estendida na direcção dos Livros Sagrados, pronuncia o seguinte juramento:

— Por minha livre espontânea vontade, sem qualquer reserva mental, perante esta augusta assembleia prometo amar, proteger e socorrer os meus irmãos, membros da santa congregação de Israel, consagrar-me a torná-los melhores e mais ilustrados, ser assíduo no cumprimento dos meus deveres israelitas, estudar com zêlo os ensinamentos do Judaísmo para chegar a ser em tudo e para tudo um moreh (Preceptor israelita).

Prometo de hoje em diante ensinar e defender o judaísmo pela palavra, pela pena, pela família e pelas minhas relações sociais, emfim, por todos os meios puros e honestos ao meu alcance, sejam quais fôr as circunstâncias em que me encontre.

Se eu algum dia faltar a êste solene compromisso, que Adonai, Deus Bemdito de Israel, me puna com tôdas as maldições escritas no sagrado livro da Thorah.

Para firmeza de tudo assim o declaro.

Terminado o juramento, o Reitor do Instituto, Prof. Barros Basto, Moreh Hagadol (Guia-magno) dos Maranos, toca com as suas mãos um Sepher Thorah, leva-as aos lábios, e coloca-as sôbre a cabeça de Joseph, dizendo:

— "Se fôres fiel cumpridor da solene promessa que acabas de fazer, sôbre ti sejam as palavras de Adonai a Abraham, nosso pai:—Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem."

E recebe agora também a tríplice bênção escrita na Lei por Moisés, nosso Mestre e pronunciada por Aarão, o sacerdote e seus filhos sôbre o povo de Israel:

— Adonai te abençoe e te guarde.

— Adonai faça resplandecer o seu rosto sôbre ti e tenha misericórdia de ti.

— Adonai volte o seu rosto para ti e te dê a paz.

(O Reitor, segundo o vêlho uso marano,

Clarões de incêndio na noite

Abril, 1933.—Vermelho incêndio no céu de Berlim. O Reichstag está em fogo. Quem cometeu este crime? A voz popular não se engana. Não é o pobre inconsciente que os chefes oficiais da Nova Alemanha querem abater. É o mesmo que tendo querido a destruição do velho monumento — símbolo da representação popular — bárbaramente aniquilou a liberdade do seu povo. *Morte da liberdade.*

Novembro, 1938.—Vermelhos incêndios no céu do Reich. As sinagogas ardem. Mulheres, velhos, crianças são atiradas para a rua na noite. O sangue corre. Que crimes cometeram aqueles sobre quem se exerce uma tal violência? Têm sido maus cidadãos? Não, o seu crime, a sua falta é serem judeus. Os Rolos da Lei, aqueles livros Sagrados, são lançados nos braseiros. Os santuários pacíficos e veneráveis casas consagradas à oração e à exaltação religiosa, afundam-se nas chamas. A turba de nazis troça diante da blasfêmia. Amanhã

começa a tríplice bênção com as mãos impostas sobre a cabeça do candidato e depois desce-as tocando-lhe com os dedos as faces).

A assistência diz:— Amen (Assim seja).

Em seguida o Reitor abraça o candidato, dá-lhe a Neshikah (beijo ritual) na face, sendo em seguida imitado pelos dois morins (preceptores) Samuel Rodrigues e David Moreno.

Então o novo moreh Gabriel dirige-se para a Thebah (Tribuna dos oficiantes), cobre-se com o Taleth (manto litúrgico) e celebra a oração de Arbith (Véspera de sábado) com a satisfação de toda a assistência.

Mais um obreiro para trabalhar no resgate dos seus irmãos maranos, que Deus Bemdito lhe dê força e coragem na sua nobre missão e que nunca o desânimo entre na sua alma, que sempre tenha fé, vontade e perseverança.

haverá ainda profanações. Outras confissões, filhas da mesma fé, serão feridas e injuriadas. É porque elas, também, professam o respeito do homem, criação de Deus, o amor do próximo?

Exaltação doída da violência e da iniqüidade. *Morte do amor fraternal.*

Setembro, 1939.—Vermelhos incêndios no céu da Polónia. O canhão causa a desordem. Bombas mortuárias caem incendiando casas, hospitais, asilos de órfãos, destruindo impiedosamente milhares de vidas humanas.

Varsóvia, a cidade heróica arde como um facho. Nenhuma lei internacional, nenhum sentimento de humanidade protege o povo polaco, cujo único crime é existir, querer sobreviver, livre e independente, é defender-se contra os inimigos que querem, pelo terror, curvá-lo sob um jugo cruel. A força brutal é desencadeada, com desprezo de toda a justiça. *Morte do direito. Barbárie.*

Tais são as ordens de Hitler. Tais são as façanhas dessas hordas sem fé, nem Deus.

A civilização, preciosa testemunha dos esforços da humanidade para melhores condições de existência, a religião, que eleva a alma do homem e o exalta no amor, todas estas cousas que são a dignidade e a honra da humanidade — são condenadas a sofrer a lei da afrontosa violência, a escravidão dos bárbaros?

Não. Depois da noite sulcada pelo clarão dos incêndios elevar-se-á o dia, o dia puro da vitória. Saúdemos em nome do Senhor nosso Deus, os que dêle serão os artistas: os soldados desta obra de liberdade. O dia que vir a Alemanha vencida, pelos exércitos da França e da Inglaterra, depor as suas armas, será saúdado como uma aurora de alegria para a humanidade da justiça e do amor.

PIERRE GEISMAR.

L'Univers Israelite.

Tradução de Norberto A. Moreno.

Era uma vez um distinto químico...

E' uma história autêntica, pouco conhecida, à qual os acontecimentos dão uma certa actualidade. Põe em cena o Dr. Haïm Weizmann, que há dias, encerrando o 21.º Congresso Sionista de Génova, confirmou e exaltou a lealdade dos judeus palestinianos quanto à Grã-Bretanha.

Em 1916, o Dr. Weizmann, distinto químico, era professor na Universidade de Manchester. Nesta época, os laboratórios do Almirantado sofreram duma escassez de acetona, indispensável para o fabrico de certos explosivos. Lloyd George, primeiro ministro, tinha-se dirigido a vários sábios para que substituíssem a acetona sintética pela verdadeira. Mas as pesquisas eram muito demoradas.

Foi então que o Dr. Weizmann foi mandado ao 10 Downing Street. Lloyd George explicou-lhe o que a Grã-Bretanha esperava d'ele.

— Seja, respondeu o químico, não me pouparei à trabalhos. É visto que se trata de salvar o país, trabalharei mesmo no Sábado.

E safu, digno, pronunciando fórmulas de química como encantos.

Nos laboratórios do Almirantado

Durante todo o mês, o Dr. Weizmann permaneceu fechado nos laboratórios do Almirantado, curvado sobre as suas retortas e as suas provetas. Mandou buscar bizarros ingredientes. As sentinelas postas diante das portas ouviam por vezes surdas detonações. Emfim, um dia que uma explosão mais forte que as outras tinha feito saltar, viu-se o Dr. Weizmann, com a sua bata manchada de ácidos, e rosto iluminado.

Apresentou-se neste estado diante de Lloyd George.

— Senhor primeiro ministro, não faltará a acetona à armada britânica, as minhas experiências estão concluídas.

— Como conseguistes isso?

O sábio explicou detalhadamente, donde se percebia claramente que tinha isolado átomos de cereais em fermentação e átomos de... escremento de cavalo. Perfeitamente.

Um cheque

Lloyd George abriu a sua gaveta, tirou um livro de cheques, datou e assinou um cheque.

— Pegue, meu caro professor, preencha o senhor próprio, com a importância que quizer...

O Dr. Weizmann levantou-se, envolveu-se na sua bata.

— Excelência, recuso. Está escrito no livro de Salomão: «Um serviço que se faz pagar perde por isso mesmo todo o seu perfume».

— Esse sentimento honra-o, respondeu Lloyd George, sem se demorar sobre o perfume da acetona sintética. Permita-me então que peça ao rei que o ennobreça. Heim! Um título de barão?

— Nada mais. Porque está escrito no *Cântico dos Cânticos*...

Lloyd George passou a mão pelos cabelos, que anunciavam um precoce embranquecimento, e replicou:

— A Grã-Bretanha é generosa; tem por tradição recompensar os seus filhos quando eles a servem bem. Esta recompensa, Sr. Professor, escolha-a o senhor próprio; é mais uma ordem que um pedido.

Nascimento do Lar judeu

Foi então, depois de reflectir um pouco, que o Dr. Weizmann pronunciou estas palavras:

— Seria feliz se os meus correligionários errantes pudessem ter um lar bem deles, sendo possível na Palestina, terra dos seus antepassados...

Assim nasceu, graças à acetona sintética, o Lar judeu da Palestina. Sabe-se por outro lado que o Grande mufti de Jerusalém assegurou, há dias, a sua fidelidade à Grã-Bretanha. Judeus e Árabes reconciliaram-se graças à Alemanha, inimiga comum.

«De Paris-Midi».

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Os Judeus nas Ordenações Afonsinas

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO 91)

TÍTULO LXXV

De como os Judeus não hão-de levar armas quando forem a receber El-Rei, ou fazer outros jogos

El-Rei D. João, meu avô de muito louvada memória, em seu tempo fêz Ley, de que o teor tal é.

1.º D. João pela graça de Deus Rei de Portugal, e do Algarve. A quantos esta carta virem fazemos saber, que nós vendo como de pouco tempo para cá os Judeus das Comunas das Cidades, e Vilas, e Lugares do nosso Senhorio quando saem fora dos Lugares, onde Comunas de Judeus há, receber com trabalhos a nós, ou á Rainha minha mulher, e Infantes meus filhos; e outro se quando saem a algumas vodas, ou jogos para algumas honras, e festas de homens bons dêstes lugares, onde vivem, usam de levantar arroidos, pelos quais se seguem antre eles muitas feridas, e mortos, e grandes omizios; e perolhes esto per vezes per nossas Justiças fora defeso, não o leixaram de fazer, ante o usaram daí em deante mais, levando armas assi cotas, e casquetes nas cabeças, como espadas, e cutelos, e outras armas, fazendo com elas muito mal, como dito é.

2.º E porque a nós pertence pôr a este tal remedio, que eles possam viver em assocego, e neo serem ousados daqui em deante fazerem tais cousas, tolhendo, e tirando o azo, per que se esto poderia fazer, ordenamos, e establecemos, e por Lei pomos, que daqui em deante não seja nenhum Judeu tão ousado, que quando assi forem as Comunas dos Judeus, onde essas Comunas ouver, a vodas, ou a festas, ou a receber-nos, ou á Rainha, ou Infantes, ou fazer outros jogos, que leve armas vestidas, nem espadas, nem outros cutelos; e se alguns então quizerem fazer jogos de esgrima, que levem espadas botas, e roupas de jogo; e fazendo o contrario, mandamos que as armas, que assi levarem sejam perdidas, e as Comunas dos Judeus, que as armas levarem, paguem por cada vez que o fizerem mil dobras d'ouro pera a nossa Camara; e se da parte alguma Comuna se levantar algum arroido, o que o levantar moira porem.

3.º E porem mandamos a todos los Corregedores, Meirinhos, Juizes, e Justiças, e Arrabis das ditas Comunas do nosso Senhorio, que façam cumprir, e guardar este, que per nos é mandado; e os Almuxarifes dos Lugares, donde esto acontecer, que recadem, e façam recadar logo pera nós as ditas mil dobras, sob pena de as pagarem de suas casas; onde uns, e outros al não façades. Dada em a cidade d'Evora a seis dias de Março. El-Rei o mandou por Joane Mendes Escrivão de Goes seu Vassalo, e Corregedor por ele em sua côrte Era de mil e quatrocentos e quarenta anos.

4.º E depois disto quando mandamos reformar estas Ordenações, as Comunas dos Judeus se enviaram agravar a nós a dita Ordenação, dizendo que lhes era muito odiosa, porque não parecia cousa razoada, que por um Judeu levar uma arma a semelhantes jogos, e autos sem culpa da Comuna, ela ouvesse de pagar tão grande pena, cá ligeiramente poderia acontecer, que um Fidalgo, ou Cavaleiro falaria com algum Judeu seu acostado, que aos ditos jogos levasse alguma arma para depois nos pedir a dita pena, do que a dita Comuna não seria em culpa alguma: pedindo-nos por mercê, que emendassemos a dita Lei que tal guisa, que aquele, que a dita Lei quebrantasse, fôsse penado segundo nossa mercê fôsse, e a Comuna não recebesse por ele prejuizo quando não fôsse azador, nem consentidor de a dita Lei ser quebrantada.

5.º E nos visto seu requerimento, por nos parecer ser razoado, Acordamos de a emendar em esta guisa; a saber, quando algum Judeu em semelhantes Jogos, ou em cada um deles levar alguma arma das de suso ditas, sem mandado, azo, ou consentimento dessa Comuna, mandamos que tal Judeu seja nosso cativo, e seus bens todos nossos pera de todos fazermos o que nossa mercê for: pero se ele for casado ao tempo que acontecer que ele quebrante a dita Lei,

DAS COMUNIDADES E NÚCLEOS MARANOS

Chaves—*O Comércio de Chaves*, o jornal de Trás-os-Montes de maior tiragem e circulação, no seu número de 24 de Agosto de 1939, diz:

Nascimento—Na segunda-feira passada, deu à luz mais um pimpolho, o décimo primeiro, a espôsa do Sr. Arnaldo do Nascimento Pires, proprietário do Restaurante Império. Os nossos parabéns.

—O mesmo jornal, de 31 de Agosto, na secção *Hóspedes e Viajantes*, diz:

Esteve em Chaves, tendo-nos dado o prazer da sua visita, o Sr. Capitão Artur Carlos de Barros Basto, do Pôrto.

D. Sofia Gotlieb de Carvalho

Os senhores do Mahamad (Direcção) da Comunidade Israelita do Pôrto, na sua sessão de 18 de Outubro de 1939, votaram por unanimidade que fôsse lavrado na acta um voto de sentimento por Deus Bemdito ter chamado à sua divina presença no dia 4 de Outubro (21 de Tishri de 5700) a Ex.^{ma} Sr.^a D. Sofia Gotlieb de Carvalho.

A bondosa senhora era a extremosa mãe do nosso correligionário Sr. Luiz de Carvalho, digno Secretário da Assembleia Geral da nossa Comunidade.

DOS QUATRO CANTOS DA TERRA

Alemanha—Os nazis (nacionalistas alemães) apoderaram-se da magnífica biblioteca pertencente à Comunidade Israelita de Berlim, que continha 80.000 volumes, entre os quais havia várias edições antigas ou raras, assim como numerosos incunábulos e manuscritos antigos. Esta rica colecção foi entregue ao Instituto de Estudos Rácicos.

China—Sir Victor Sassoon, israelita do rito sefardi, deu 20.000 libras para o fundo britânico da defesa nacional.

Holanda—O governo francês agraciou o célebre violinista judeu Sam Sweep, chefe da orquestra real em Haia, com o grau de Cavaleiro da Legião de Honra.

França—Foi também agraciado Oficial da Legião de Honra o Sr. C. Gruemblatt, que é um dos gloriosos voluntários Judeus de 1914. Antigo e novo combatente, visto que está actualmente no *front*

Palestina—O Dr. Herzog, rabi-mor achkenasi de Palestina, enviou a S. M. o Rei George VI uma mensagem telegráfica, invocando a bênção divina sobre o soberano e a armada britânica, empenhados numa luta pelo direito contra a força.

Nótulas sobre o Natal de Jesus de Nazareth

O nascimento de Mitrá (o deus solar) era festejado a 25 de Dezembro, marcando o início do ano novo.

—Só no século IV (4.^o) foi oficialmente decretado que 25 de Dezembro fôsse o Natal de Jesus de Nazareth.

—Os basvilianos festejavam o nascimento de Jesus a 24 de Abril, outros a 25 de Maio e a Igreja oriental a 6 de Janeiro.

—Ainda em 353 o arcebispo Libério festejava o Natal a 6 de Janeiro.

—Em 377, por ordem do Papa Júlio I, o nascimento de Jesus foi oficialmente marcado para 25 de Dezembro, dia em que se festejava o Natal do deus sol.

fique sua mulher salvo todo seu direito, e seus bens. E a dita Comuna não haja pena alguma por ele, salvo se ela mandar a algum Judeu, que ao dito tempo leve alguma das ditas armas, ou lhe der azo, ou conferimentos pera a levar, sabendo que a leva; ca em tais casos, e cada um deles mandamos que a dita Comuna pague a dita pena conteuda na dita Lei feita pelo dito Senhor Rei meu Avô: e em todo caso aquele, que levar a dita arma, será nosso cativo, e seus bens serem apricados à Coroa dos nossos Reinos, como dito é.

6.^o A qual lei vista, e examinada por nós com a limitação, e declaração assim por nós feita, mandamos que se guarde por Lei daqui em diante, porque nos parece que com justa razão deveria assim se limitada, e declarada. E se os ditos Judeus que assi forem em os ditos recebimentos ou vodas, ou festas, forem dez, ou dali arriba, que levem armas, porque não é de presumir que tantos as podessem levar sem consentimento da Comuna, mandamos que em tal caso a Comuna pague a pena, que lhe per El-Rei meu Avô foi posta.